



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS

**A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO AUXÍLIO NO
TRATAMENTO DE ADOLESCENTES EM CRISE EXISTENCIAL**

ELIÉZER RIBEIRO BARROS

**LAVRAS-MG
2010**

ELIÉZER RIBEIRO BARROS

**A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO AUXÍLIO NO
TRATAMENTO DE ADOLESCENTES EM CRISE EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao
Centro Universitário de Lavras
como parte das exigências do
curso de graduação em
Psicologia.

ORIENTADOR

Profa. Ana Maria Junqueira Unes

**UNILAVRAS
LAVRAS-MG
2010**

ELIÉZER RIBEIRO BARROS

**A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA COMO AUXÍLIO NO
TRATAMENTO DE ADOLESCENTES EM CRISE EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao
Centro Universitário de Lavras
como parte das exigências do
curso de graduação em
Psicologia.

APROVADA EM 24 DE NOVEMBRO DE 2010.
Prof^o. Me Rosângela Moura Cortez – UNILAVRAS
Prof^a. Me Magno Geraldo de Aquino – UNILAVRAS

ORIENTADOR

Profa. Ana Maria Junqueira Unes

**UNILAVRAS
LAVRAS-MG
2010**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que estiveram ao meu lado por estes anos de curso, aos que me apoiaram, me deram incentivo e que direta ou indiretamente são responsáveis pelo meu aprendizado.

Agradeço também, aos meus professores e orientadores Ana Unes, Magno e Rosângela que se dispuseram a me auxiliar neste trabalho de conclusão de curso e aos demais educadores que foram responsáveis pelo meu aprendizado ao longo do curso.

Aos meus colegas e amigos adquiridos ao longo dos anos, tenham certeza de que não serão esquecidos e que cada um, à sua maneira, contribuiu também, para meu crescimento pessoal ou profissional.

Por fim e não menos importante, obrigado aos meus familiares e namorada que sempre acreditaram na minha capacidade de se tornar um bom profissional; tenham certeza de que meu esforço e sua confiança, não serão em vão.

“Toda a nossa cultura procura insistentemente manter os jovens afastados do contato com os problemas reais. Será possível inverter essa tendência?”

Carl Rogers

RESUMO

BARROS, E. R. **A abordagem centrada na pessoa como auxílio no tratamento de adolescentes em crise existencial**. 2010. 40 f. Monografia (Graduação em Psicologia)* - Centro Universitário de Lavras, Lavras 2010.

Tendo em vista que a adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta, percebe-se o quão vulnerável o jovem pode se tornar diante desta etapa. Devido a vulnerabilidade em se perceber diante das diversas mudanças que ocorrem no âmbito biopsicossocial, o adolescente tende a se questionar sobre as diversas maneiras de se interagir com o outro em seu convívio social. Este questionamento pode fazer com que o adolescente se perceba “indiferente a si mesmo”, podendo assim, vivenciar uma crise existencial, desnorteando-o e levando a desequilíbrios, estresse físico e/ou emocional. Este estudo, fundamentado em revisão de literatura, partindo de conceitos e aspectos biopsicossociais acerca do adolescente, teve como objetivo apresentar o termo “crise existencial”, não somente como um diagnóstico ou patologia que rotula os adolescentes nesta fase da vida, mas, além disso, refletir sobre sua condição de não enfrentamento e não adaptação ao meio social. O objetivo principal deste estudo foi analisar e discutir a eficácia da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) como tratamento psicoterápico para adolescentes em crise existencial. O estudo propõe novas formas que levam à (re) constituição de sua identidade através de auxílio psicoterápico embasado nas teorias psicológicas de Carl Rogers, aprofundando na maneira como a ACP pode auxiliar em casos como proposto pelo tema.

Palavras-chave: Abordagem centrada na pessoa; adolescente; crise existencial

*Comitê Orientador: Professora Me. Ana Maria Junqueira Unes (Orientador), Prof. Me. Magno Geraldo de Aquino, Profa. Me. Rosângela Moura Cortez.

SUMÁRIO

1 Introdução	7
2 Revisão de Literatura	9
2.1 Abordagem Centrada na Pessoa: Breve Histórico	9
2.2 O auxílio da psicoterapia no tratamento de adolescentes em crise existencial	15
2.3 Adolescência: Aspectos Biopsicossociais	20
2.4 Crise Existencial na Adolescência: Uma compreensão à partir da Psicoterapia Experiencial Centrada na Pessoa	23
3 Considerações Gerais	33
4 Conclusão	35
Referências Bibliográficas	37

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada como um período de transição entre a infância e a fase adulta do ser humano, quando ocorrem aceleradas e profundas transformações nos aspectos que compõem o indivíduo biopsicossocial, podendo, ou não, acarretar uma crise existencial naquele que as vivencia.

Tal crise pode se expressar por uma pausa na continuidade do processo de vida e entendida como uma transição existencial. Independente do sentido determinado à transição do adolescente, esta fase tem um significado atribuído à percepção de quem vivencia, com um caráter individual.

Observa-se que a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) desenvolvida por Carl Rogers (1977), por se tratar de um método em que o foco é o cliente, valoriza elementos da intersubjetividade humana. Esta abordagem possui vastos recursos disponíveis que possibilitam o autoconhecimento e modificação de atitudes e comportamentos e o faz com inspiração fenomenológica. Seriam estes recursos suficientes para auxiliar o tratamento de adolescentes em crise existencial?

Este trabalho teve como objetivo analisar e discutir a eficácia da ACP como tratamento psicoterápico de adolescentes em crise existencial, considerando-se adolescente/adolescência nos seus aspectos biopsicossociais.

O método utilizado para realização deste estudo foi o levantamento bibliográfico. Este método inclui uma revisão teórica, levada a efeito através de

uma leitura reflexiva da literatura existente, que descreve o campo analisado sob a perspectiva da ACP como auxílio psicoterapêutico no tratamento de adolescentes em crise existencial.

Acredita-se que, com este trabalho, possa-se oferecer uma referência adequada às necessidades do psicoterapeuta na realização do tratamento de adolescentes em crise.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Abordagem centrada na pessoa: breve histórico

Inicialmente realizou-se um breve apanhado histórico da ACP considerando os principais pressupostos teóricos e a evolução do pensamento de Carl Rogers, considerando a sua psicoterapia como foco central de atenção.

Em um primeiro momento torna-se importante uma breve definição do que vem a ser a ACP. Ribeiro (2008, p. 16) assim a define: “A denominação Abordagem Centrada na Pessoa se aplica a uma concepção de homem e de relações humanas, cuja premissa de base é a compreensão das capacidades humanas para o crescimento individual e coletivo.”

A maneira proposta pela ACP de abordar os problemas humanos teve sua origem e desenvolvimento relacionados com as investigações do psicólogo americano Carl Rogers (BARRETO, 2005).

Rogers é tido como o primeiro psicólogo a abordar as questões principais da Psicologia sob a ótica da “Saúde Mental”. Rogers afirmava a necessidade de aceitar-se como se é na realidade, e não como se quer ser (ROGERS, 1992).

Este seu modo de abordar as questões tipicamente humanas é, em termos gerais, contrário ao de outros estudiosos, cuja atenção se concentrava na ideia de que todo ser humano possuía uma neurose básica. Rogers rejeitou essa visão defendendo que, na verdade, o núcleo básico da personalidade humana era tendente à saúde, ao bem-estar. Tal conclusão sobreveio ao

processo meticuloso de investigação científica levado a cabo por Rogers, ao longo de sua atuação profissional (VIANA, 2009).

Nas palavras de Ribeiro (2006),

Rogers construiu sua teoria vivendo, ao mesmo tempo, a influência de sua formação empírico analítica, baseada no pensamento positivista e pragmático da academia americana e a influência da Psicologia Humanista de características Existenciais e Fenomenológicas (RIBEIRO, 2008, p. 16).

A perspectiva de oposição, em relação ao estabelecido, caracteriza uma dicotomia no próprio pensamento de Rogers. Para Holanda (1998), Rogers pode ser considerado muito mais fenomenólogo que humanista, por conceber que toda fonte do conhecimento deriva da experiência.

Complementa Ribeiro (2008) afirmando que “inicialmente, as ideias de Rogers abordavam apenas a psicoterapia. Posteriormente, seu interesse se expandiu para outras áreas como: organizacional, saúde, educação” (RIBEIRO, 2008, p. 17).

Segundo Wood *et al.* (1995a), a partir de 1965, a psicoterapia de Rogers passou a ser identificada como ACP, quando foi aplicada a pequenos e grandes grupos, para facilitar a resolução de conflitos.

A hipótese geral da ACP é que os seres humanos possuem vários recursos para a autocompreensão, o autoconhecimento e a modificação do autoconceito e comportamento. A ocorrência de tais recursos requer condições que revelem a ausência de distúrbios profundos e a inserção num clima/ambiente favorável para o desenvolvimento de suas potencialidades (RIBEIRO, 2008, p. 17).

Para compreender tal disposição, Rogers definiu o que se considera como tendência atualizante. Tal tendência não pode ser destruída, sem que se destrua o próprio organismo, pois sempre ela está presente, mesmo quando os comportamentos dos indivíduos forem considerados como autodestrutivos. Os casos em que as condições existenciais são desfavoráveis ao desenvolvimento, o organismo tenta utilizar os escassos recursos que lhe faltam, ou que estão disponíveis (ROGERS, 2000).

O conceito que expressa a hipótese geral foi nomeado de tendência atualizante. Trata-se da capacidade do organismo de crescer, de manter-se e desenvolver-se. Neste sentido, apresenta-se como um fluxo direcional para desenvolvimento mais complexo, e também revela-se a partir de um direcionamento fenomenológico (BOZARTH e BRODLEY, 1991; BRODLEY, 1999 *apud* RIBEIRO, 2008, p. 17).

Tal tendência representa o dinamismo, a energia entre o quadro de referência interna e a noção do eu. É a regulação desta energia, neste caso a noção do “eu” (*self*), que determinará os caminhos tomados pela tendência atualizante.

Sobre este ponto, Rogers e Kinget (1977, p. 45) destacam que:

“[...] a eficácia da tendência à atualização do eu depende do caráter realista da noção do eu. E esta noção é realista quando há correspondência ou congruência entre os atributos que o indivíduo acredita possuir e aqueles que de fato possui.”

Segundo Ribeiro (2008, p. 18):

O *self*, o “Eu”, de acordo com esta abordagem, está relacionado à percepção que o próprio indivíduo tem de si mesmo, construindo a sua identidade e se caracteriza como uma configuração experiencial, num fluxo contínuo, organizado e coerente.

A noção do “eu” é disponível à consciência, mesmo que não seja totalmente consciente, e pode ser definida como:

“[...] a configuração experiencial composta de percepções relativas ao eu, as relações do eu com o outro, com o meio e com a vida em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções (ROGERS e KINGET, 1977, p.165).

O indivíduo, para obter a informação sobre quais atributos possui ou não possui, pode tomar dois caminhos distintos. O primeiro é quando ele verifica o seu quadro interno, através do que os outros acham dele, como o percebe (referência externa). O segundo é quando se toma como base as experiências vividas pelo próprio organismo, através de sentimentos a respeito da questão

em foco. Pode-se dizer que a noção do eu está relacionada ao autoconceito. Este é formado através das experiências que o organismo vivenciou, assim como, em alguns pontos, é influenciado pelo ponto de referência externo. Como ponto de referência externa pode-se considerar como as pessoas, principalmente as significativas, percebem o indivíduo (ROGERS e KINGET, 1977).

A tendência atualizante pode não resultar no que é organicamente construtivo ou no que a sociedade considera como resultado construtivo. Afinal, esse processo é vulnerável às circunstâncias que podem ser favoráveis ou desfavoráveis, podendo se caracterizar como físicas, sociais, culturais, dependendo da demanda ambiental (RIBEIRO, 2008).

Outro importante conceito na teoria rogeriana é o de avaliação organísmica. Esta pode ser definida como um critério evolutivo de avaliação, baseado no processo de desenvolvimento. Como processo evolutivo e de desenvolvimento, ambos não são fixados ou determinados e modificam-se conforme a representação da experiência vivida, cada vez mais coincidente com a satisfação organísmica (GOBBI *et al.*, 2005).

Para Gobbi *et al.* (2005) a avaliação organísmica, abrange a totalidade do campo fenomenológico da pessoa, numa aproximação relacional do sujeito com sua experiência. Não deve, entretanto, ser compreendida como uma avaliação puramente individual e interna. Pois, nessa perspectiva, remeteria-se a um reducionismo. E, muito menos puramente externa, o que representaria um distanciamento da experiência em si.

Nesse modo de avaliação organísmica, a pessoa está mais aberta à

experenciamento e suas percepções do mundo e, mais particularmente, de seus semelhantes. Tais percepções são mais realistas, objetivas e integradas.

Sobre a ACP Gleyce (2006, s/p) afirma que:

[...] a sua ação ao longo deste século, foi de um contínuo empenho no caminho da liberdade e da libertação das forças (interiores/*Self*) do ser humano, na sua capacidade de enfrentar a si e o outro, no mundo mesmo, e sua tendência a uma atitude de respeito e ao crescimento.

Essas forças internas do ser humano se mostram nos seus modos de ser – ser sendo no mundo - sempre alguém aberto ao desenvolvimento/ aprendizagem positivos, tendo dentro de si algo que o impulsiona: a Tendência Atualizante, modos de auto-atualização de suas potencialidades, de fazer/sentir/agir seu próprio florescimento.

Complementa Wood et al. (1995b, p. 533) afirmando que:

Longe de uma prática esotérica, ensaística, otimista ou leviana, a Abordagem Centrada na Pessoa não se propõe a facilitar uma panacéia animista, um lugar literário ou filosófico da argumentação cínica, ao contrário, é um conjunto articulado de ética, premissas e intervenções ante a possibilidade de facilitar atualização orgânica numa perspectiva formativa.

Isto posto, e diante da premissa de que o adolescente é um indivíduo dotado dos recursos utilizados pela tendência atualizante, considera-se que a ACP poderá auxiliar no tratamento desses indivíduos em crise existencial, recuperando-os a partir da (re)construção do eu.

2.2 O auxílio da psicoterapia no tratamento de adolescentes em crise existencial

O processo psicoterapêutico centrado no cliente consiste em trabalho de cooperação entre psicólogo e cliente. Obtém com isso a descoberta ou redescoberta da auto-estima, da auto-confiança e do amadurecimento emocional.

Para Ribeiro (2008), o clima favorável para o desenvolvimento das potencialidades, via tendência atualizante e percepção do *self*, envolvem condições multifatoriais. Entretanto, de um modo mais geral, considerando esta perspectiva teórica do ponto de vista relacional, caracteriza-se este clima por um conjunto de atitudes facilitadoras que, de acordo com a teoria de Rogers, compreendem três condições básicas e simultâneas. São essas condições que vão permitir que, dentro do relacionamento entre psicoterapeuta e cliente, ocorra a descoberta desse núcleo essencialmente positivo existente em cada um de nós. São elas: a consideração positiva incondicional; a empatia e a congruência (SILVA, 2006).

No que se afirma a respeito à psicoterapia, esta assumiu várias fases de acordo com a evolução das ideias de Rogers. Nas palavras de Hart (1970 *apud* RIBEIRO, 2008, p. 21):

- a) não-diretiva (clima permissivo de característica não “interventiva” via aceitação e clarificação, que visava alcance gradual do *insight* do *self* e da situação vivida);
- b) reflexiva ou centrada no cliente (intensa produção científica, ênfase no reflexo de sentimentos do cliente visando ao desenvolvimento da congruência entre *self* e campo fenomenológico);
- c) experiencial (variedades de comportamentos, intervenções do terapeuta para expressar atitudes básicas, focalização na experiência do cliente, ênfase na intersubjetividade para alcançar crescimento através de um processo contínuo inter e intrapessoal).

Ribeiro (2008), em reflexão crítica sobre a ACP utilizada como psicoterapia afirma que, a consideração positiva incondicional se caracteriza pela postura ou modo de abstenção de julgamentos frente aos conteúdos referidos pelo cliente. Isso denota aceitação do outro a partir de sua própria experiência. Tal atitude contribui para que o diferente se expresse como alteridade. Aceitar, nessa perspectiva, não é sinônimo de concordar com todos os atos de alguém.

A compreensão empática refere-se à tentativa de imersão na escuta dos relatos das vivências do outro para compreender seus significados (RIBEIRO, 2008, p. 20). A empatia de acordo com Wood *et al.* (1995a, p. 230):

[...] é um estado de consciência no qual uma pessoa experiencia e participa de um fluxo de pensamentos e sentimentos e seus significados com outra pessoa, enquanto ao mesmo tempo também está consciente do contexto maior do qual os dois existem.

Tão importante quanto a habilidade de experienciar como se estivesse no lugar do outro, é a capacidade de expressar-se de maneira congruente, onde nas palavras de Rogers (1976),

Os sentimentos que o terapeuta estiver vivenciando estão disponíveis para ele, disponíveis para sua consciência e ele pode viver esses sentimentos, assumi-los e pode comunicá-los, se for o caso. Quanto mais o terapeuta souber ouvir e aceitar o que se passa em si mesmo, quanto mais ele for capaz de assumir a complexidade dos seus sentimentos, sem receio, maior será o seu grau de congruência.

Pode-se observar, então, na abordagem rogeriana a expressão da afetividade incondicional só ocorre devidamente se brotar, com sinceridade, do psicólogo. Não há como simular tal afetividade. O mesmo ocorre com a empatia e com a congruência. Por isso se afirma que não existe uma “técnica rogeriana”, mas, psicólogos cuja conduta pessoal e profissional mais se aproximam da perspectiva de Carl Rogers (LOURENÇO, 2007).

Sobre essa perspectiva, Bawen (1986) *apud* Silva (2006, p. 14) ressalta que:

O poder e a sabedoria estão compartilhados entre cliente e terapeuta, ao invés de estar concentrado apenas na pessoa do terapeuta. O psicólogo em formação aprende a acreditar na capacidade do cliente de encontrar o seu próprio caminho, e a respeitar o jeito único de ser do cliente.

Igualmente para Bozarth (1998) apud Silva (2006, p. 15)

[...] esse é o aspecto mais revolucionário da psicoterapia descoberto por Carl Rogers. O terapeuta, ao intervir, não tem a intenção de conduzir, pois o seu papel é somente o de criar um clima interpessoal que promova a potencialização e o exercício da tendência à atualização do cliente.

Rogers (1995) atenta para o desenvolvimento pessoal do terapeuta como a maior exigência nesse processo. A aceitação e a permissividade genuína são seus únicos instrumentos. A compreensão dos fundamentos da terapia centrada na pessoa parece enganosamente fácil de dominar. Quando se inicia a prática clínica é que se percebe a transformação exigida a cada atendimento.

Freire e Tambara (2000) apud Silva (2006) refletem sobre a lacuna existente entre a teoria e a prática clínica na formação dos psicoterapeutas centrados no cliente. O exercício das condições necessárias e suficientes para permitir a mudança da personalidade do cliente é descrito como um desafio constante. Condição esta não apenas para os psicólogos iniciantes, como também para aqueles mais experientes. Os autores apontam que o compromisso do psicoterapeuta centrado no cliente está na promoção do desenvolvimento da pessoa, da sua força de crescimento. Estabelece-se, ainda, que a relação terapêutica não deve ser tutelar. O seu objetivo é promover o exercício da tendência atualizante e a reorganização da noção do eu do cliente através da relação terapêutica.

Adverte Freire e Tambara apud SILVA (2006, p. 16) que:

As dificuldades aparecem, primeiramente, devido o papel social do psicólogo estar vinculado àquele que tem o poder de avaliar e a expectativa de uma atitude mais diretiva. Porém o psicólogo deve transmitir sua confiança na capacidade do cliente isso se dá através de suas atitude e não apenas de forma verbal, é necessário que genuinamente acredite e confie neste potencial.

Por isso, pode-se afirmar que é através da prática clínica que o conhecimento do terapeuta sobre as questões teóricas, como o conceito da tendência atualizante, vão se tornando em certeza e não apenas em informação. Freire e Tambara (2000) *apud* Silva (2006, p. 17) propõem que “é através da vivência e do acompanhamento do processo de mudança que a integração teoria e a prática ocorre”.

O atendimento a adolescentes em crise existencial, nesta perspectiva, é fundamentada na importância da promoção da saúde mental e incluída como referencial importante na compreensão do sofrimento humano. De acordo com Teixeira (2006, p. 408), “a saúde mental caracteriza-se pela capacidade para lidar com as complexidades da sua própria vida e das relações com os outros e o mundo”. Neste tipo de atendimento, introduz-se a psicoterapia centrada no cliente relacional, via Tendência Atualizante, proposta por Rogers (TASSINARI, 2003).

De acordo com Tassinari (2003) o esforço de Rogers em realizar e estimular pesquisas que pudessem nortear modificações na teoria e na prática da ACP tem-se mostrado fértil. As evidências desses estudos apóiam a

efetividade da psicoterapia centrada na pessoa e essa, quando comparada a outros métodos psicoterápicos, tem-se mostrado igualmente efetiva.

2.3 Adolescência: aspectos biopsicossociais

Ao se trabalhar com adolescentes é importante considerar, primeiro, o que significa esta fase, não apenas como uma “época de crise”, mas, como um período de mudança, de readaptação ao novo corpo e de novas atitudes frente a vida.

O conceito de adolescência é muito abrangente, pois envolve aspectos biológico, psicológico e social. A adolescência, segundo a Organização Mundial de Saúde (1993) *apud* Godinho et al. (2000) corresponde à faixa etária entre os 10 a 19 anos de idade.

Peres e Rosenburg (1998, p. 70) julgam que:

Ao demarcar a faixa etária [...], como o tempo da adolescência, cuja significação é amplamente discutível, concorre/corroborar, desta forma, a ideia de que tal tipo de abordagem ignora as especificidades de sociedades, grupos sociais distintos, encobrendo diferenças e desigualdades sociais de sujeitos reais em seu processo de desenvolvimento; com isso, homogeniza as condições concretas de existência dos mesmos, dentro de uma concepção de "igualdade" abstrata e universal, enquanto possibilidades, para todos aqueles que se encontram [naquela] faixa etária [...], não encontrando, portanto, sustentação na realidade que procura representar em seu enunciado.

De acordo com Teixeira (2009) existe uma tendência reducionista ao naturalizar o processo da adolescência, conferindo-lhe um caráter universalizante,

Dentre os discursos que partilham da tendência a naturalizar o processo da adolescência, conferindo-lhe um caráter universalizante, estão os do campo da biologia, que aborda a questão a partir de uma visão essencialista e determinista, com ênfase nas mudanças corporais consideradas naturais a meninos e meninas. Segundo essa perspectiva, a adolescência é considerada uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta, tendo como base as transformações puberais, de caráter biológico, que, por sua vez, seriam vivenciadas por todos os sujeitos até atingirem a maturidade e, a partir delas, poderiam ser desencadeadas mudanças psicológicas e sociais (TEIXEIRA, 2009, p. 26).

Existe ainda, outra tendência, contrária à anterior, que considera a adolescência como categoria sociocultural, de origem histórica, destituída do sentido de universalidade (PERES E ROSENBERG, 1998).

Segundo Pelento (2005) *apud* Teixeira (2009, p. 26), “a Psicologia introduziu a ideia de adolescência como um tempo de desorganização e reorganização psíquica, como um momento crítico [...], implicando transformações físicas e psicológicas”.

Segundo Quadrado (2006), esses discursos de diversos campos, tais como os da biologia e da psicologia, como também os da sociologia e da história dentre outros, além de variadas pedagogias culturais, não apenas mostram o que é ser adolescente, mas acabam produzindo essa etapa da vida,

colaborando para a fabricação das identidades adolescentes. A partir daí, é preciso entender que todos esses significados são cultural e historicamente produzidos e, a adolescência, uma construção discursiva que se dá a partir dessas práticas.

De acordo com Peres e Rosenberg (1998, p. 65) o “processo existencial de seres humanos, se dá como um todo multifacetado, com articulações entre as diferentes facetas que comporta - biológica, psicológica, sócio-cultural”. Esta fase não pode ser compreendida estudando separadamente os seus aspectos, porque é o conjunto das características deles que confere unidade a esse fenômeno.

Portanto, compreender o ser adolescente como processo, implica considerá-lo como um todo integrado em seus aspectos biológicos, psicodinâmicos e sociais em permanente interação.

Ziegel e Cranley (1985), Viçosa et al. (1992), Cova (1993), Halbe et al. (1993), Halbe e Santana (1993), Frediani, Roberto e Ballester (1994), Andrade et al. (1996), Lopes (1997), *apud* Godinho (2000, p. 25) citam algumas situações e sentimentos que podem ocorrer nesse período, como sendo um

Conflito com o início das relações sexuais, momentos de incerteza, ansiedade, insegurança, isolamento, transtornos de vínculos afetivos, consolidação da auto-imagem e autoestima, amadurecimento emocional e mental, questionamento sobre imposições, regras, valores, identidade, conflitos familiares, emocionais e sociais, com preocupação quanto à formação de grupos de amigos.

Ayres (1990, p.147), preconiza que:

O indivíduo se vê diante de uma condição inédita de sua experiência, seja pelas condições objetivas de sua existência, seja pela percepção diferenciada que delas alcança. Diante desse ineditismo surgem, então, as reações típicas, que podem ou não configurar problemas, modulados pelos diversos fatores que interferem com a psique humana.

Diante desse período, em que o adolescente necessita definir seu projeto de vida, sua orientação sexual, profissional, adotar valores e assumir responsabilidades vivenciando um período "crítico," crucial na sua vida, poderá experimentar inseguranças, questionamentos, "rebeldia" frente aos valores do "mundo adulto" e ainda, "vivenciar 'crises' que beiram ao patológico, chegando a merecer, por parte de determinados autores da área da 'psi', a caracterização de um quadro 'típico' da adolescência, como inerente a ela, conhecido como 'síndrome da adolescência normal'" (PERES e ROSENBERG, 1998).

O importante é saber que nesse período de transformações, seja de caráter biológico, psicológico ou social, o apoio afetivo dado aos adolescentes é muito importante, para que tolerem as mudanças a que estão sujeitos e não se sintam confusos com tais transformações.

2.4 Crise existencial na adolescência: uma compreensão a partir da psicoterapia experiencial centrada na pessoa

Neste subitem apresentam-se algumas reflexões sobre a crise existencial na adolescência com base no referencial da Abordagem Centrada na Pessoa enfatizando a intersubjetividade.

Entender o adolescente que apresenta sintomas de estar vivenciando uma crise existencial, a partir de um olhar da ACP, nos remete à necessidade de realizar não só um breve apanhado sobre a proposta de Rogers, como exposto inicialmente; mas de realizar incursões que nos permitam refletir sobre o alcance e as contribuições dessa perspectiva para esse intento. Desta forma, para iniciar este propósito, é importante situar os sentidos que a palavra “crise existencial” pode assumir.

A adolescência é vista como evento de transição, um momento sobremaneira marcante e que, comumente, desencadeia uma crise existencial na vida do ser humano que a vivencia. Compreende eventos vitais marcados por períodos de euforia, deslumbramento e realização, como também, ansiedade, desequilíbrio, estresse físico e emocional (MACHADO e ZAGONEL, 2003).

Narayan e Joslin (1980) *apud* Machado e Zagonel (2003, p. 27) relatam que:

O termo crise originou-se da teoria psicanalítica, tendo como precursor Erich Lindemann, com trabalho clássico sobre a dor do luto como uma forma de crise emocional, a qual é marcada por desordens cognitivas e emocionais, como manifestação do ajustamento e adaptação necessários ao enfrentamento de um problema temporariamente insolúvel. Toda transição está relacionada à mudança e desenvolvimento, um termo comumente relacionado às teorias de estresse e adaptação.

Moffatt (1982) *apud* Ferreira-Santos (1997, p. 20) salienta que:

A crise se manifesta pela invasão de uma experiência de paralisação da continuidade do processo de vida. De repente, nos sentimos confusos e só, o futuro se nos apresenta vazio e o presente congelado. Se a intensidade de perturbação aumenta [...] temos uma experiência de despersonalização.

Chick e Meleis (1986) *apud* Machado e Zagonel (2003, p. 27), por sua vez, expressam que:

[...] a transição é uma passagem ou movimento de um estado, condição ou lugar para outro. Esse processo exige do ser humano, a utilização imediata de mecanismos ou recursos de suporte disponíveis ou não, para o enfrentamento e adaptação, visando à resolução bem sucedida de desajustes, conflitos, desorganização ou desarmonia, encontrando assim uma nova maneira de ser.

Maldonado (1997, p. 25) considera o termo transição e crise como sinônimos. Nas suas palavras:

Podemos reservar o termo crise para os períodos mais 'dramáticos' ou 'revolucionários' e empregar o termo transição existencial, para os períodos que, como as crises, também são passagem de uma situação para outra, mas acontecem de modo mais tranqüilo, mais suave. Na verdade toda crise é uma transição, mas nem toda transição se constitui numa crise.

De acordo com Zagonel (1998, p. 56):

Sabe-se que um indivíduo comumente encontra-se em um certo equilíbrio homeostático, mas quando se confronta com estresse e situações que exigem a utilização de seus recursos de enfrentamento e adaptação e não obtém sucesso, ocorre desequilíbrio.

Para Machado e Zagonel (2003) o ser adolescente que se encontra em uma mediação, entre assumir o novo período da sua existência e adaptar-se a ele, está em transição. Para evoluir de um estado a outro necessita do envolvimento e suporte de todos os envolvidos, para que juntos possam enfrentar esse período de transição. Em especial da família por ter maior afinidade, ou de um significante, descrito como uma pessoa próxima em quem deposita confiança e tem alianças afetivas.

Independente do sentido determinado à transição do ser adolescente, esta fase de transição existencial tem um significado atribuído pela percepção de quem a vivencia, com um caráter individual. Esta singularidade está

presente e é referenciada por Chick e Meleis (1986) *apud* Machado e Zagonel (2003, p. 27) ao afirmarem que:

[...] transição é um fenômeno pessoal, não um fenômeno estruturado. Os processos e resultados de transição estão relacionados a definições e redefinições de si próprio e da situação de transição. Tais definições e redefinições podem ser feitas pela pessoa experienciando a transição no ambiente.

Considerando a crise existencial na perspectiva dos conflitos humanos em suas diversas expressões, o foco recai sobre a conotação de que, dependendo da intensidade e da frequência, demanda ideia de desajuste e desequilíbrio, podendo ser considerada, ainda, como sintoma de alguma psicopatologia (RIBEIRO, 2008).

Para Teixeira (2006, p. 405) a psicopatologia “é uma forma de existência frustrada na qual o indivíduo se fecha a si mesmo, tornando-se opaco para si próprio e perdendo a comunalidade com o mundo do outro”.

Abordar a crise existencial enquanto característica para elaboração de diagnóstico torna-se incoerente com a proposta rogeriana. A discordância com relação ao uso do diagnóstico tradicional prévio ao atendimento psicológico se sustenta na ideia de que ele é desnecessário e pode ser prejudicial (ROGERS, 1992 *apud* RIBEIRO, 2008).

O próprio atendimento é diagnóstico, na medida em que permite ao cliente se revelar, possibilitando construir e reconstruir seu mundo de significações. Mas, tal condição não deve impossibilitar o diálogo com outros saberes para compreender o adoecer humano, também, enquanto processo.

Battaglia (2002) critica a linguagem patológica por sua condição de tecnicizar e generalizar a pessoa, colocando-a num compartimento estático e estreito. Para a autora, é nossa fala sobre as pessoas que retira toda condição de fluidez da existência humana e as faz parecer estáticas.

No entanto, no processo de subjetivação, que preconiza a visão de homem em processo a partir de interações e implicações mútuas, caracteriza-se por não ser estanque e fechado. Nessa perspectiva, apresenta-se o homem como um ser em constantes transformações. Gobbi *et al.* (2005), a partir do posicionamento de Freire (1987), reconhece este ser como concreto e situado historicamente, criador e transformador da natureza e de si mesmo, a partir das relações que estabelece com outros homens.

Essa ideia de homem concebido numa dimensão social é mais considerada na fase experiencial do pensamento de Rogers. Momento este em que se envolve com a resolução de conflitos no trabalho de pequenos e de grandes grupos.

Como o *self* está ligado a valores, muito deles não são experienciados de forma direta. São introjetados dos outros, principalmente de pessoas socialmente significativas.

Para manter sua necessidade básica de apreço e consideração, de ser amado e acolhido pelo outro, o adolescente passa a introjetar os valores dessas pessoas, incluindo-os em seu autoconceito. Mesmo que estes valores não provenham de suas próprias experiências orgânicas.

O adolescente passa, principalmente, a receber do adulto as mensagens que lhe fornecerão informações referentes a si próprio e ao mundo no qual está

inserido (RIBEIRO, 2008).

Isso é resultante do processo de socialização em que valores, concepções e ideologias aprendidas constituem os modos de ser e de agir no mundo. Nas palavras de WOOD *et al*, (1995, p. 211) “A rede de pensamentos, sentimentos, opiniões, conceitos, valores; a conexão biológica entre as pessoas influenciam a maneira como uma pessoa se expressa”.

Sendo assim, sentimentos hostis não são comumente tolerados para expressão espontânea. Para Seeman (1998) *apud* Ribeiro (2008, p. 28), “os pais tendem a ter mais facilidade para aceitar atitudes e sentimentos positivos dos filhos, do que atitudes e sentimentos negativos seja porque muitas vezes esses sentimentos são dirigidos a eles, ou seja, por conta de nossa cultura de relação”.

De acordo com Ribeiro (2008, p. 31),

A proposta da ACP pode ser fecunda na assistência à adolescentes com crise existencial. Sua contribuição tem maior visibilidade quando implementa a busca de uma relação pessoa-a-pessoa que se caracteriza pela disponibilidade para compreender o vivido seja da própria pessoa ou do outro interlocutor, o que possibilita que esta mesma relação possa ser usada para crescimento pessoal, na medida em que, através dela, a pessoa poderá sentir, experienciar, se reexaminar e agir de modo mais construtivo.

Entretanto, acredita-se que pensar neste tipo de proposta relacional, e pensar em tais adolescentes, remete à necessidade de apontar de forma mais crítica e visível às transformações que circunscrevem a realidade vivenciada

por eles – haja vista que esta mesma relação eu-tu é mediatizada pela relação homem-mundo (FREIRE, 1987). Nas palavras de Carrenho (2006, p. 32):

Quando não expressamos nossos sentimentos por uma ou por outra razão nos tornamos uma outra metade que se desassocia da outra metade. Vivemos como se algo que nos pertence não fosse nosso. Ficamos desconectados de uma parte de nosso ser inteiro, que é o lado emocional. Vivemos uma cisão [...]. O desgaste para manter esta cisão pode ser maior que a sua integração.

Expressar sentimentos e aprender a contatá-los são necessidades pertencentes a toda pessoa. Assim, compreender o adolescente que vivencia uma crise existencial e os que estão a ela implicados, equivale a reconhecer nele a pessoa em processo. Pessoa esta que só pode ser identificada como ser relacional quando compreendida a partir deste fluxo experiencial, via intersubjetividade.

Não se deve concentrar só no adolescente em crise e sim atentar para o contexto das relações interpessoais, contexto no qual a possível crise vem se constituindo. E isso só é possível quando reconhecemos a interação humana, enquanto fluxo experiencial contínuo e complexo.

A expressão da crise existencial, que traz prejuízo ao adolescente, pode revelar alguém alienado de sua própria experiência em algum nível. Considerando que o reconhecimento do adolescente, como sujeito em crise, é construído a partir de um processo de subjetivação, complexo, interativo, que denota implicabilidade e mutualidade, pode-se pensar na hipótese de elaborar projetos de intervenção que atendam a todos que estão, direta ou

indiretamente, envolvidos com o adolescente.

Nesse sentido, Moreira (2007) propõe uma concepção dialética para ACP, que atribui igual importância às várias dimensões da pessoa, sejam estas individuais ou sociais. Concebe-se, aqui, o homem mundano em suas contradições, em suas polaridades, como partes intrínsecas de sua natureza. Nas palavras de Moreira (2007),

Essa proposta integra o conflito próprio do ser humano, por isso destaca tanto a agressividade e a destrutividade como a harmonia da natureza do homem. Isso implicaria em aprofundar as relações de conflito e não negá-las. Significaria, além disso, conceber o homem em sua essência contraditória, bom e mau, harmônico e desarmônico, construtivo e destrutivo (p. 91).

Considerar nossa natureza sistêmica significa pensar nossa forma de atribuir sentidos no tempo e no espaço em que nos encontramos. Isso nos leva irremediavelmente à história, à cultura, à nossa maneira de comunicar, na qual o novo e o antigo co-habitam, ante as necessidades vivenciadas. E, muitas vezes, diante do suceder das transformações, estas não são contempladas (RIBEIRO, 2008).

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Adolescentes, ainda que possuam um bom equilíbrio emocional são suscetíveis a uma crise existencial. Tal crise não deve ser percebida como um período onde o adolescente está em declínio, mas sim uma fase de transição, necessária, uma vez que através desta crise se pode constituir o *self* e concomitantemente a individualidade do adolescente.

Lembrando Maldonado (1997), o termo crise pode ser substituído por “transição existencial”. Este termo é considerado mais apropriado uma vez que diante deste período, ocorrem transições de situações antigas à novas situações, podendo ocorrer em diferentes graus (brandas ou extremas). “Na verdade toda crise é uma transição, mas nem toda transição se constitui numa crise” (MALDONADO, 1997, p. 25).

A partir do momento em que o adolescente se encontra em um estado de questionamento profundo, graças à capacidade recém desenvolvida de abstrair, de uma maneira “filosófica”, se questionando sobre sua existência, se perguntando “quem sou eu?”, “de onde vim?”, “para que vim?”, “o que faço aqui?” percebe-se, então, as características da crise existencial. Crise esta que se pode caracterizar pela “invasão de uma experiência de paralisação da continuidade do processo de vida” (Moffatt, 1982 *apud* Ferreira-Santos 1997, p. 20). Perante a crise o adolescente pára. Pára diante à vida, pára diante às atitudes que permitiriam, talvez, que o mesmo se encontrasse em meio à sua história de vida. É esta “parada”, que ocorre muitas vezes de maneira brusca, que impede que algo além da busca pela explicação de sua existência venha à

tona.

O terapeuta que utiliza da ACP para viabilizar o tratamento de adolescentes em crise deve compreender três condições básicas para o tipo de abordagem: aceitação incondicional, empatia e congruência. Tais condições visam a criar um ambiente favorável ao cliente, de tal modo que ele se sinta à vontade para refletir sobre si mesmo e sobre o significado da própria existência, e perceba uma possível crise existencial como momento de autopercepção e de inovação, se assim o desejar.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, observa-se que todo ser humano ao passar pela fase da adolescência inicia um conturbado questionamento sobre seus aspectos biopsicossociais. Durante esta etapa, as transformações são inúmeras e as auto cobranças aumentam a cada dia.

Em meio a tantos questionamentos, o adolescente pode vir a perguntar-se qual o sentido de sua existência ou até se perceber em uma posição diferente de cada grupo que o permeia. Por grupo, entende-se a família, grupo de amigos, relacionamentos interpessoais ou quaisquer figuras que o adolescente possa vir a considerar como um referencial social.

A ACP torna-se um auxílio no tratamento psicoterápico a adolescentes em crise uma vez que o foco é o cliente, ou seja, não se considera o adolescente em uma patologia, mas sim, há o acolhimento incondicional como um ser em transformação. Tal transformação não se dá apenas pelas mudanças fisiológicas, anatômicas e cognitivas, mas também pela tendência atualizante, que segundo a abordagem rogeriana, cada ser humano possui e precisa ser evocada para que os impulse à congruência.

Diante dos pressupostos da ACP, a crise existencial torna-se um momento único e essencial na vida do ser humano, pois também, através de crises há a constituição da identidade do ser (*self*).

Considerar o ser humano em transição torna-se menos complexo a partir do momento em que se apropria da ideia de que a vida é fluida, podendo haver interseções ou impedimentos, que não devem apenas ser desprezados, mas

trabalhados afim de que sejam parte da constituição do *self* e formação de identidade. Diante da constituição do *self*, o adolescente pode trilhar rumo à tendência atualizante, que Rogers toma como uma função inerente do ser humano em que todo organismo é suscetível de transformações e busca sempre o (bom) desenvolvimento orgânico através do campo experiencial.

Em função dessa crença no potencial humano, o psicoterapeuta, acolhe e considera seu cliente, em todos os seus aspectos, quer sejam positivos, negativos ou ambíguos, esforçando-se por se colocar no lugar dele, de maneira a captar as emoções, sentimentos e vivências ainda não explicitados pelo cliente. É necessário um envolvimento de pessoa-pessoa, ainda que profissional visando facilitar que o cliente consiga ser ele mesmo e utilize sua liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, J.R.C.M. Adolescência e saúde coletiva: aspectos epistemológicos da abordagem programática. In: SCHRAIBER, L.B. **Programação em saúde hoje**. São Paulo: Editora HUCITEC; 1990. p. 129-82.

BARRETO, Carmem. A evolução da Terapia Centrada no Cliente. In: GOBBI, S; MISSEL, S. **Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa**. São Paulo: Vetor, 2005.

BATTAGLIA, M. do C. L. **Terapia de família centrada no sistema**. Conectando a Abordagem Centrada na Pessoa à Teoria Sistêmica de família: ampliando recursos e revigorando o processo. 136 fl. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ (Instituto de Psicologia), 2002.

CARRENHO, E. **Raiva**: seu bem, seu mal. São Paulo: Vida, 2006.

DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n.2, p. 381-387, maio./ago. 2004.

FERREIRA-SANTOS, E. **Psicoterapia breve**: abordagem sistematizada de situações de crise. São Paulo: Editora Agora, 1997, 128 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GLEYCE, D. Pena ou compaixão. **Revista Universo Espírita**. n. 35, a. 3, jun. 2006.

GOBBI, S. L. *et al.* Carl Rogers – Vida e Obra. In: GOBBI, S.; MISSEL, S. **Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa**. São Paulo: Vetor, 2005.

GODINHO, R. A. et al. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, abr. 2000.

HOLANDA, A. **Diálogo e psicoterapia: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber**. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

LOURENÇO, S. O peso do sentimento no corpo e na alma - os desafios da experiência da leveza e do peso insustentáveis de ser. In: Simpósio de Ensino de Graduação, 5. Universidade Metodista de Piracicaba. **Anais...** out. 2007, 4 p. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/5mostra/4/458.pdf>>. Acesso em 11 jul 2010.

MACHADO, M. V. P.; ZAGONEL, I. P. S. O processo de cuidar da adolescente que vivencia a transição ao papel materno. **Cogitare Enferm.** v. 8, n. 2, p. 26-33, jul./dez. 2003.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. MESSIAS, J.; CURY, V.; HURTZ, C. S. **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2002.

MOREIRA, V. **De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa humana em psicoterapia**, p. 75 -93, 2007.

PERES, F.; ROSENBERG, C. P. Desvelando a concepção de adolescência/ adolescente presente no discurso da saúde pública. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 1, p.53-86, 1998.

QUADRADO, R. P. **Adolescentes: corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo**. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

RIBEIRO, E. C. M. **Crianças que se revelam agressivas: um estudo fenomenológico sobre o reconhecimento da agressividade em escolares**. 109 p. Dissertação (Mestrado Psicologia Clínica e Social). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender em nossa década**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1985.

_____. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ROGERS, C.; KINGET, M. **Psicoterapia e relações humanas**. São Paulo: Interlivros, 1977.

SILVA, R. B. da. **A função da supervisão na formação do psicólogo clínico na abordagem centrada na pessoa**. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Psicologia, Porto Alegre, dez. 2006.

TASSINARI, M. A. **A clínica na urgência psicológica: contribuições da Abordagem Centrada Na Pessoa**. 231 f. Tese (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ (Instituto de Psicologia), 2003.

TÁVORA, M. T. Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da U. F.C. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 121-130, 2002.

TEIXEIRA, F. L. **No meio do caminho: entre o discurso adolescente e a norma**. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2009.

TEIXEIRA, J. A. C. Problemas psicopatológicos contemporâneos: uma perspectiva existencial. **Análise Psicológica**: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, v. 24, n. 4, p. 405-413, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/167>>. Acesso em 15 julho 2010.

VIANA, L. Carl Rogers – Biografia, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.psicologado.com/site/escolas/humanismo/carl-rogers-biografia>>. Acesso em 27 mar 2010.

WOOD, J. K. *et al.* **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995.

WOOD, J. K. *et al.* Abordagem centrada na pessoa. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 1995. Resenha de: CAVALCANTE JR., F. S. Abordagem centrada na pessoa, **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 529-535, jun. 2008.

ZAGONEL, I. P. S. **O ser adolescente gestante em transição ex-sistindo**: um enfoque de cuidar-pesquisar sob a ótica da enfermagem. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 1998.